

IMPLICAÇÕES ONTOLÓGICAS DA ARQUITETURA NA ATUALIDADE

EDUARDO PEDRO ALLIEVI FILHO ^{1,2}, JÚLIA SOMAVILLA DORIGON ³,
GUILHERME RODRIGUES BRUNO ^{2,4}

1 Introdução

O subprojeto de pesquisa que originou o presente resumo apresentava como objetivo “realizar uma revisão de literatura que contorne, defina e sistematize os três termos que compõem o Projeto Guarda-Chuva no qual ele se abriga: ‘Arquitetura, Ontologia e Magia’”. Todavia, isoladamente cada um dos três termos é de quase infinita revisão, de modo que definir apenas um deles já seria um despropósito para uma empreitada que se propunha a ser “subprojeto”. A solução foi fazer com que se elegesse um recorte, dentro de cada uma das tradições literárias que acompanham os três termos, onde houvesse algum tipo de sobreposição com os outros dois, resultando no delineamento de uma “zona crepuscular” entre eles.

Estamos falando de duas tradições quase que totalmente aceitas pela Academia, a arquitetura e a filosofia, embora cada uma delas também apresente dissidências “cinzas”, como o *Feng-shui*, na Arquitetura, e um amplo leque de filosofias “de vida”, que se declaram parte da Filosofia. O terceiro termo, “Magia”, por sua vez, é apresentado como o verdadeiro oposto de conhecimento acadêmico, pois não possuiria teoremas observáveis pelo método científico, ou seja, suas afirmações não seriam “baseadas em evidências”.

2 Objetivos e Justificativa

O objetivo do presente trabalho é sustentar o postulado de uma “virada mágica”, verificável pela confluência Arquitetura ∴ Ontologia ∴ Magia, com destaque para o primeiro deles, pois o arquiteto urbanista tem em mãos um conjunto de possibilidades e decisões que não são mais de ordem meramente normativa, mas existencial. Em síntese, a confluência dos três termos poderia ser delineada pela análise comparada entre os avanços tecnocientíficos da atualidade e uma determinada bibliografia de época, que é frequentemente aceita e algumas vezes autodeclarada “mágica”.

1 Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim, contato: eduardo.allievi@estudante.uffs.edu.br

2 Grupo de Pesquisa: Projeto e Tecnologia da Arquitetura.

3 Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim.

4 Doutor em Arquitetura, Universidade Federal da Fronteira Sul, campus Erechim. **Orientador.**

Com isso, seria possível postular que se encontra em curso uma “virada mágica”, obviamente, tomando o devido cuidado para esvaziar o termo “magia” de toda carga pejorativa imposta a ele, sob os pilares do projeto civilizacional do ocidente. Nesse caso, o que se tem é a simultânea corrupção de dois termos, pois, enquanto um único tipo de “civilização” foi historicamente assumido como caminho necessário a ser trilhado pela humanidade, “magia” foi associado a todo tipo de desvio a esse direcionamento.

3 Metodologia

A revisão bibliográfica, exigida pela análise comparada entre os fundamentos de duas distintas épocas, conforme expresso dentre os objetivos, não seria, contudo, das mais fáceis. A começar pelo campo da Filosofia, os autores que tratam de algo mais próximo aos outros dois termos (arquitetura e magia) não seriam propriamente incomuns, e, embora o termo “Magia” seja, pelas razões conhecidas e comentadas anteriormente, evitado dentre a maioria dos autores mais reconhecidos, é possível identificar exceções, que inclusive traçam correspondências com os outros dois termos. Desde a antiguidade mais remota, por exemplo, encontramos autores que falam de edifícios, cidades e lugares como meios de se referir a conceitos filosóficos, e inclusive a determinadas ordens ontológicas. Sejam construções bíblicas, como a Torre de Babel ou o Templo de Salomão, ou lugares da mitologia grega, como o Labirinto de Creta ou a ilha perdida de Atlântida, obras arquitetônicas sempre foram empregadas simultaneamente como argumento filosófico e como artefato mágico, capaz de nos levar a pensar sobre os mais variados assuntos.

Muitos desses textos nos chegam, como é sabido, pelas vias tortuosas da Renascença, onde encontramos, sobretudo na Itália, uma discussão filosófica efervescente, com trocas entre pensadores cristãos, pagãos e judeus. Com o intuito de resgatar essa história, duas obras recentes, de pesquisadoras brasileiras, são de grande valia: “O esoterismo como categoria filosófica”, de Anna Casoretti (2022), e a tradução comentada de “O templo da música”, realizada por Carin Zwilling (FLUDD, 2020). Tratam-se de duas obras que abrem acesso à chamada “cabala cristã”, uma espécie de crença sincrética que estaria por trás de muitas das congregações mágicas, algumas delas perenes até a atualidade.

A partir das traduções de Marsilio Ficino e Pico de Della Mirandola sobre textos da filosofia antiga, dentre os quais, códigos herméticos e os livros sagrados do judaísmo, toda uma tradição de saberes ocultos transitou entre a intelectualidade europeia do Séc. XVI, alimentan-

do movimentos cuja importância histórica ainda está por ser devidamente dimensionada. A presente pesquisa se deteve mais especificamente em um desses nomes, o do médico cabalista inglês Robert Fludd, devido sobretudo sua peculiar teoria da mente, que a vê como um construto diretamente extenso ao mundo físico, e a forma, eminentemente visual, com que ele expressou essa ideia.

A exemplo de outros contemporâneos seus, como Giulio Camillo e Matteo Ricci, ao falar sobre o funcionamento da mente Fludd também emprega como modelo um dos artefatos mais instigantes de seu tempo: o sistema simultaneamente perspectivo, interativo e imagético de um teatro. Assim como muitas vezes as ciências cognitivas da atualidade ainda empregam metonímias entre mente e computador, Fludd e seus prováveis inspiradores faziam a mesma correlação entre mentes e teatros. Curiosamente, o modelo teórico da Renascença não deixa nada a dever para o atual, funcionando, em verdade, como seu complemento.

4 Resultados e Discussão

Basicamente, o presente estudo postula que os modelos de *artificiosae memoriae*, ou seja, literalmente “memória artificial”, utilizados e assim denominados por esses místicos renascentistas, podem ser utilizados para um estudo das “inteligências artificiais” da atualidade. Basicamente, esses pensadores entendiam a mente humana como um sistema teatral, perspectivo e descontínuo, que funcionaria por livre associação e interconexão, como um construto arquitetônico, o que dá origem às técnicas mnemônicas que denominaram de “palácios”, “templos” e “teatros” da memória.

Mas o modelo expresso por Fludd não apenas sustenta uma espécie de relação retro-causal entre mentes e construções arquitetônicas, mas também entre o que ele denomina microcosmo (a inteligência individual de cada sujeito) e o macrocosmo (uma inteligência geral compartilhada). Nesse sentido, se poderia afirmar que o modelo de Fludd supera, com alguns séculos de antecedência, o modelo linear de causa e efeito, defendido por muitos dos entusiastas da neuroarquitetura e da psicologia ambiental, atualmente.

É Mary Carruthers (2011), em seu livro “A técnica do pensamento: Meditação, retórica e a construção de imagens”, quem primeiro sugere que os métodos da *artificiosae memoriae* não eram somente para fixar recordações, mas colocar ideias em movimento, e, consequentemente, gerar inteligência. A autora não chega a empregar o termo atualmente tão popular, mas poderia facilmente ter classificado os métodos medievais estudados em seu livro como

sendo de “inteligência artificial”. Obviamente, pode-se objetar que, enquanto os métodos da *artificiosae memoriae* serviam para ampliar a inteligência humana pensada pelos neurônios, fixando informações em imagens mentais de edifícios, a inteligência artificial seria, por outro lado, um “edifício” que pensa em lugar do ser humano, fixando e conectando unidades de informações em placas de silício.

Como, obviamente, nenhuma inteligência artificial propriamente “pensa”, e como nenhum pensamento humano emerge do nada, mas sempre de um ambiente que, por sua vez, possui uma dimensão física, a aparente diferença entre os dois sistemas mnemotécnicos, o medieval e o atual, poderia ser apenas um viés (de pensamento). Essa hipótese encontra acolhida numa outra afluyente teoria atual, a “hipótese da mente estendida”, proposta pelos filósofos Andy Clark e David Chalmers, e quem oferece uma bela síntese que validaria essa conclusão, é o próprio transformador generativo de palavras, o famoso *Chat-GPT*:

Sim, a Teoria da Mente Estendida proposta por Andy Clark poderia ser considerada um elo de ligação conceitual entre a "*artificiosae memoriae*" e a inteligência artificial (IA). A Teoria da Mente Estendida sugere que nossa mente não está limitada apenas ao cérebro, mas também se estende para o ambiente e as ferramentas que usamos para interagir com o mundo. Isso tem implicações significativas tanto para a compreensão da cognição humana quanto para o desenvolvimento da IA.

Aqui estão algumas conexões entre a Teoria da Mente Estendida, a "*artificiosae memoriae*" e a IA:

[Na sequência, são enumerados quatro parágrafos, de mais ou menos cinco linhas cada, enumerando tipos de conexões encontradas: Amplificação cognitiva; Uso de ferramentas e ambientes; Interação homem-máquina; Aprendizado e adaptação].

Em suma, a Teoria da Mente Estendida pode ser vista como um conceito que explora a ideia de como nossa mente interage com o mundo ao nosso redor, incluindo ferramentas e tecnologias. Esse conceito pode servir como um elo de ligação conceitual entre a "*artificiosae memoriae*", que buscava estender a memória humana através de técnicas mentais, e a inteligência artificial, que estende nossa capacidade cognitiva através de sistemas tecnológicos avançados. (OPEN.AI, 2023).

Para completar, muitas das novas tecnologias vem sendo divulgadas com a palavra “magia” a elas relacionada. Mesmo muitos entusiastas dos avanços em tecnologias digitais, alguns deles profissionais sérios que lidam diretamente com as entranhas dessas estruturas tecnocientíficas, se rendem a uma espécie de projeção religiosa em torno de suas possibilidades futuras (Kurzweill, 2018; Tegmark, 2020).

5 Conclusão

Num momento em que há uma grande confusão entre as instâncias de saberes, com cientistas defendendo seu ofício como se fossem sacerdotes e místicos vendendo soluções empíricas como se fossem cientistas, o encontro entre “arquitetura, ontologia e magia” vem se mostrando um antídoto contra a falta de imaginação criadora. A pesquisa em questão, cuja primeira etapa de revisão bibliográfica encerra agora, traz nesse resumo apenas uma fração panorâmica de sua abrangência. Pelo que foi apanhado até aqui, é possível explorar suas proposições por muito mais tempo, pois os fatos não param de corroborar sua premissa fundamental, a de que uma “virada magística” se encontra em curso, pelo mais que essa terminologia seja sabidamente parte de um saber rejeitado pela Academia.

Porém, concluímos que é necessário conhecer e respeitar o sentido aberto e experimental que o termo traz em seu bojo, sob o risco de estarmos muitas vezes acreditando em ciência como se fosse magia ou, ao contrário, dedicando-se a ela com total desencanto, dois riscos que a diminuem frente aos olhos do neófito, do divulgador e do público em geral, que é quem, no final das contas, deve garantir sua relevância.

Referências Bibliográficas

CARRUTHERS, M. **A técnica do pensamento**: Meditação, retórica e a construção de imagens. Campinas: UNICAMP, 2011.

CASORETTI, A.M.P. **Pico Della Mirandola**: O esoterismo como categoria filosófica. São Paulo: Loyola, 2022.

FLUDD, R. **O templo da música**. Tradução e Organização: Carin Zwilling & Leonel Maciel Filho. São Paulo: Polar, 2020.

KURZWEILL, R. **A singularidade está próxima**: quando os humanos transcendem a biologia. São Paulo : Iluminuras, 2018.

OPEN.AI. **ChatGPT**. Disponível em: <<https://chat.openai.com/>>. Acesso em: 27 ago. 2023.
TEGMARK, M. **Vida 3.0**: O ser humano na era da inteligência artificial. São Paulo: Benvirá, 2020.

Palavras-Chave: Magia; Cidade; Memória Artificial; Inteligência Artificial.

Nº de Registro no Sistema Prisma: PES-2022-0419

Financiamento: Universidade Federal da Fronteira Sul.